

# **Amor e autismo. Ensinaamentos da prática analítica**

**Tradução:** Armando Adurens

**Nova Escola Lacaniana - NEL**

**Dupla coordenadora:** Elida Ganoza - Ricardo Torrejón

**Integrantes:** Paula Del Cioppo; Rosa Lagos; Mónica Vera; Martha Idrovo; Luz Elena Gaviria; Marlon Cortés; Andrés Amariles; Roberto Galván; Claudia Pérez; Soledad Alvarado; Katia Álvarez; Jimena Contreras; Gabriela Villarroel; Camila Loza; Fabiana Chirino.

De maneira prévia, entendemos importante mencionar aquilo que denominamos de *obstáculo epistemológico* quando se escreve sobre o autismo: as noções utilizadas para nomear o autismo geralmente tomam como referência a estrutura neurótica. Isso se converte em um obstáculo, pois não se consegue definir o autismo de maneira singular e independente da neurose. Nosso esforço de escrita, será nomear a especificidade do autismo.

A concepção da psicanálise de orientação lacaniana é de que o autismo não é um transtorno, tampouco uma incapacidade ou limitação deficitária, pelo contrário, considera que é um funcionamento que carrega um sofrimento que se situa na relação com seu próprio corpo e com o laço social.

Nosso compromisso com a investigação da lógica própria do autismo traz um novo olhar para essa problemática que respeita a invenção singular encontrada por cada sujeito como solução e, dessa maneira, se abrem novas perspectivas sobre o amor.

## **1. O que entendemos sobre o autismo**

- a. Qual corpo para o autista?

O trabalho com o autismo nos leva a refletir sobre como enodar algum aspecto do corpo sem considerar o Nome-do-Pai, como tratar a incidência do gozo no corpo mais além da castração e como pensar o tratamento psicanalítico a partir do inconsciente real e com a primazia do *Um sozinho*. Os efeitos do trabalho dos psicanalistas lacanianos com autistas comprovam que é possível incidir sobre um corpo habitado por *lalíngua*, a partir de uma presença, que não é qualquer uma.

Podemos pensar, além das particularidades do corpo no autismo, os usos do corpo, e levar em conta que a intervenção do analista está dirigida a facilitar esses usos. A dimensão do amor real no autismo e a produção de um gozo no corpo, nos permite aproximar disso.

#### b. Foraclusão e neoborda

Éric Laurent propõe que no autismo o furo está foracluído<sup>1</sup>. Se há foraclusão do furo, não há *borda* que o delimite. A borda é uma zona de intercâmbios e contatos e, na ausência dessa borda, o autista cria *neobordas*, que o permite se encapsular.

Laurent<sup>2</sup> então se pergunta: se o autista carece de borda, como instituir um limite? E indica que é possível construir uma cadeia que amalgame objetos, ações e formas de fazer, que constitua um circuito dotado da função de borda e percurso pulsional e, na sequência, proporciona alguns exemplos tomados da prática para esclarecer esse assunto: “... dar um objeto à criança, em acompanhá-la ao banheiro com o objeto num saquinho e, depois, em tirá-lo de dentro dele. A criança que sai do banheiro levando papel no seu saco pode, então, entrar num novo circuito, que inclui o papel extraído no banheiro, e começar a escrever nele (...) a inclusão do novo tem de vir acompanhada da extração de outra coisa.”<sup>3</sup>

#### c. O Outro do autista

---

<sup>1</sup> Laurent, É., *A batalha do autismo: da clínica à política*, Editora Zahar, Edição do Kindle, p. 60.

<sup>2</sup> Ibid., p. 63.

<sup>3</sup> Ibid., p. 63.

Quando falamos do Outro no autismo, não podemos desligá-lo do encontro transferencial, pois é precisamente nesse encontro que os rudimentos do Outro, que traz o autista, são lidos pelo analista para produzir um laço. Dessa maneira, é ali, onde o Outro é incipiente ou inexistente, que o analista se ancora no interesse suposto daquilo que itera. O falasser (*parlêtre*) autista traz um  $S_1$  que não cessa de não se escrever, como solução singular. O analista se serve do  $S_1$  do sujeito e lhe dirige outro  $S_1$ , para produzir um enganche entre significantes e, desse modo, algo do gozo cessa. O tratamento se orienta a esvaziar o gozo implicado na iteração.

Podemos pensar que a prática analítica sob transferência no autismo possibilita ao falasser (*parlêtre*) autista o acesso a um Outro que não o invada com sua demanda, regule seu gozo disruptivo com seu ato e, que nesse encontro, possa surgir um laço de amor fora da significação que lhe permita a saída de seu encapsulamento.

## **2. O que o tratamento do autismo nos ensina. Outra perspectiva da transferência**

É imprescindível trazer a colação a dimensão do corpo e do gozo para poder apreciar o que nos ensina a prática no que se refere ao analista que se faz *partenaire* do autista.

Os analistas, em suas diversas práticas individuais, têm diferentes maneiras de abordar a transferência que convém a cada caso, e que produzem efeitos no tratamento com uma orientação. Não há padrões estabelecidos no tratamento do autismo, a não ser o desejo, ato e leitura cada vez que se apresente a contingência.

A clínica do autismo nos coloca frente ao desafio de como intervir para que se produza a articulação entre o Um do gozo e o Outro, que faz possível o laço transferencial. Isso ocorre em virtude do autista enfrentar o *Um sozinho* de *lalíngua* disjunto da estrutura da linguagem e não consente que o aparato da linguagem opere para dar lugar ao gozo do Um, que se engancha à palavra, com o qual poderia fazer um laço com o Outro. Como extrair o gozo da iteração fora do sentido?

Como iniciar o laço com um menino de 3 anos que não fala e tem o olhar vazio?

Leo ingressa na sessão acelerado, chuta, belisca, morde e se atira no chão, puxa o cabelo e remove os objetos da analista. Se a analista lhe dirige um olhar, emite um berro agudo e contínuo. Além disso, tem dificuldades com o gozo anal. A analista o acomoda, limita seus transbordamentos e evita olhá-lo; a criança, pouco a pouco, aceita sua presença.

Primeiro brinca de lançar objetos pela janela que lhe são devolvidos uma ou outra vez. Depois contempla os brinquedos e escolhe duas ripas de madeira que bate de maneira constante, ação que é acompanhada de sons guturais, ruídos produzidos com os lábios e, finalmente, com sílabas que repetem incessantemente: ta-qui-la-li. A analista responde todas as vezes: L está aqui? Enquanto isso, L gira em torno de uma mesa. Não há Outro a quem dirigir uma mensagem, - se trata de um gozo autoerótico -, mas a tentativa de colocar a voz em jogo, sim.

Paulatinamente, a rigidez começa a ceder e se agiliza o movimento corporal. A analista retira as madeirinhas de L, que as encontra escondidas nas mãos daquela; o sujeito consente com a operação de subtração, ao jogo de presença e ausência e o intercâmbio dos corpos. A analista lhe diz: “o que você procura?” e ele lhe dirige um olhar fugaz. Assim se produz um giro que vai de um olhar perdida no vazio ao cruzamento de olhares e, como consequência, a circulação do objeto escópico.

Em um momento posterior do tratamento, a analista propõe a L brincar com um trem, coloca o brinquedo em movimento ao redor de uma mesa e emite o som da locomotiva. O menino segue a ação e se o veículo e o som são interrompidos, toma a mão da analista e lhe indica que guie o trem. Depois é ela que toma a mão de L e o convida para que juntos conduzam o veículo, proposta que ele aceita com um leve sorriso. Na sequência, se observa o intercâmbio entre o analista e o sujeito; primeiro é ela quem promove o laço com o menino, mas depois é o sujeito que toma as rédeas da interação. Por outro lado, o objeto (trem) introduz a dimensão do movimento, propicia um circuito, trajetos de ida e volta, e

possibilita um espaço de intercâmbio. Assim se produz um encontro em que L toma o lugar do vagão e a analista da locomotiva.

Observa-se, então, que a transferência com o autista é possível quando esse se encontra com um Outro dócil e regulado, o que permite criar um laço sutil. Portanto, operar analiticamente sobre *lalíngua*, e não sobre a linguagem, requer intervenções dirigidas sobre o *Um sozinho* que itera. Nesse caso, se tratou, para a analista, de localizar as sequências das operações que L realizava com seu corpo, ritmo, movimento e ruídos que emitia lhe acompanhando no percurso desses circuitos. Mediante *um suave forçamento* se introduziu algo novo, - um ritmo e um movimento - que lhe permitiu deslocar sua borda. Dessa maneira, o tratamento incidiu sobre o gozo do sujeito através de sua localização e, concomitantemente, de seu esvaziamento.

A presença do analista se sustenta com seu corpo e pretende não ser intrusiva, ao se posicionar fora do ideal e do narcisismo. O analista se presta como objeto para que a pulsão construa seu circuito através de uma série de substituições, cessões de gozo e extrações que incidirão sobre o ruído de *lalíngua*. Ademais, inventa uma manobra que a converte em *partenaire* do sujeito, acolhe suas invenções. Essa perspectiva da transferência, tem em conta o acontecimento de corpo, ou seja, põe o acento no modo singular de gozar do autista.

É assim a maneira como nos incluímos no sintoma do autista, precisa Laurent, a partir de que “...o sujeito consegue ceder um pouco da carga de gozo que afeta seu corpo e, isso, sem que essa cessão de gozo lhe seja insuportável demais. O corpo a corpo com o terapeuta está implicado nisso, com o sujeito se sustentando pela presença de seu *partenaire*...”<sup>4</sup>

Tomando em conta o que foi escrito até aqui, é possível sustentar que o encontro contingente com um autista nos permite pensar em um novo tipo de amor. A partir da

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 63 - 64.

aludida contingência, um enodamento singular se faz possível; um funcionamento na forma de uma pequena fixação de gozo que habita o *falasser* (*parlêtre*).

### 3. Sobre o amor (real) no autismo

O amor como real pode ser pensado a partir da diferença entre o gozo fora do corpo e o gozo no corpo que se formulam a partir de “A Terceira”<sup>5</sup>. Ali Lacan situa *lalíngua* como aquilo que permite que um corpo goze de objetos. Chamamos *lalíngua* a essa eficácia do significante em suas ressonâncias e seus efeitos de fonação em um corpo e, uma vez sendo de natureza traumática, é porque implicam um fora do corpo<sup>6</sup>.

Em sua intervenção na mesa “Autismo: problemas cruciais para a psicanálise”, Juan Carlos Indart disse: “... o efeito de *lalíngua* na constituição da pulsão, por estar fora do imaginário corporal, não pode ser senão como Freud o intuiu, um efeito mortífero, um efeito de morte”. A criança autista “...o experimenta, sem outra solução a não ser o sintoma em que se sustenta”. Por outro lado, o corpo entra na economia do gozo, como diz Lacan, por meio da imagem do corpo, esse imaginário que não constitui objetos<sup>7</sup>. Essa formulação nos conduz ao ponto que nos interessa, ou seja, aquilo que se produz no encontro com o autista e que nos poderia ensinar algo sobre o amor. Indart, na sequência, formula a questão relacionada a uma escrita no imaginário que não é a letra, uma escrita “...que é a consistência mesma imaginária, e que da base, entre outras coisas, a escrita lógica do conjunto vazio, nem mais nem menos”<sup>8</sup>. Essa escrita é um recurso para evitar que a pulsão seja mortífera, para fazer de *lalíngua* uma linguagem. Seria a via do sentido que articula o imaginário corporal com o simbólico. Por outro lado, é algo precário e frente ao qual *lalíngua* se impõe.

---

<sup>5</sup> Jacques Lacan, “A Terceira”, em *Opção Lacaniana 62* – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, Edições Eólia, 2011.

<sup>6</sup> Indart, J. C., en: *Autismo: problemas cruciales para el psicoanálisis*, Observatorio sobre Políticas del Autismo, Grama Ediciones, Olivos, 2019.

<sup>7</sup> Ibid., p. 22, tradução livre para o português.

<sup>8</sup> Ibid., p. 23, tradução livre para o português.

Outra questão se formula no ponto onde o conjunto vazio do imaginário corporal se articula com o real, ali onde Lacan considerava que se encontrava um Outro gozo que está fora da linguagem, e por tanto, fora da *lalíngua*; um gozo Outro que não toca o registro do simbólico. Se recorreremos ao nó, poderemos localizar esse lugar onde se juntam o imaginário e o real fora do simbólico. Lacan, no seminário 23 indica: “O simbólico se distingue por se especializar, digamos, como furo. Mas o impressionante é que o verdadeiro furo está aqui, onde se revela que não há Outro do Outro.”<sup>9</sup> Esse furo que Lacan nomeia como “não há Outro do Outro” se localiza onde se enodam o real e o imaginário fora do simbólico, fora do sentido.

Seguindo Laurent, Indart diz que haveria uma boa maneira de introduzir o real. Um real que nunca terá relação com o sentido, que está entre o imaginário e o real e que é um gozo no corpo. Nesse ponto Lacan tentou localizar o que chama de *amor real*, que está em relação com o desejo do analista. Esse *amor real* seria um amor que “não tem filtro do fantasma como o gozo fálico, se trata de um gozo no corpo, não todo”.<sup>10</sup>

O que poderia propiciar um gozo no corpo, em oposição ao traumático da *lalíngua*, é esse lugar em que o *amor real* se constitui em uma mediação. Indart, nesse sentido, indica que estas *injeções de amor real* que estariam fora do sentido, são possíveis de realizar modificações no autista.<sup>11</sup>

Recentemente, Lizbeth Ahumada<sup>12</sup> se pergunta, com respeito ao amor de transferência e a presença do analista no tratamento do autista, de qué natureza deveria ser essa presença e diz: “...uma pura presença que não pede nada e que em certo ponto tampouco é solicitada; alude à diferença absoluta”; ali se localizaria esse *amor vazio de significação* sustentado pelo analista. Essa reflexão nos permite nos aproximar de algumas formulações do Seminário 24 onde Lacan diz: “O amor não é nada senão uma significação (...) O desejo,

---

<sup>9</sup> Lacan, J., *O seminário 23: O sinthome*, Rio de Janeiro, Zahar, 2005, p. 130.

<sup>10</sup> Indart, J. C., op. cit., p. 24, tradução livre para o português.

<sup>11</sup> Ibid., p. 25, tradução livre para o português.

<sup>12</sup> Ahumada, L., *La significación del amor en el tratamiento del autista*, conferencia virtual de 17 de junho de 2021, tradução livre para o português.

esse tem um sentido, mas o amor (...) o amor é vazio.”<sup>13</sup> Portanto, existe uma diferença entre o sentido e o amor como significação vazia. Ali Lacan posiciona o sentido do lado do desejo e seu deslocamento metonímico, mas o amor como significação vazia parece opor-se a ele. Essa diferença nos ajuda a pensar o que se põe em jogo no tratamento do autista e na sua particular relação com o significante. Na conferência já citada, Ahumada indica que a palavra do autista é “... uma palavra que não está furada pelo silêncio”, manifestação do ruído da *lalíngua*, o mortífero desse mundo ruidoso do autista. Nesse ponto é possível pensar que essa presença do analista que não pede nada, que sustenta seus atos como signo do amor, pode propiciar essa significação vazia.

Dessa maneira, a transferência na clínica do autismo fica de ponta-cabeça”<sup>14</sup> uma vez que quem supõe um sujeito que sabe é o analista, ou seja, que espera sempre que o saber se manifeste por parte do *falasser (parlêtre)* autista e não o contrário. O tratamento psicanalítico do autismo ensina que, em princípio, o amor posto em jogo na transferência corre por conta do analista.

---

<sup>13</sup> Lacan, J., *El Seminario 24: L'insu qui sait de l'une bévue s'aile à mourue* (1976-1977), publicado na Revista Lacaniana nº 25, Ano XIII, novembro de 2018, p. 15, tradução livre para o português.

<sup>14</sup> Ahumada, op. cit., tradução livre para o português.